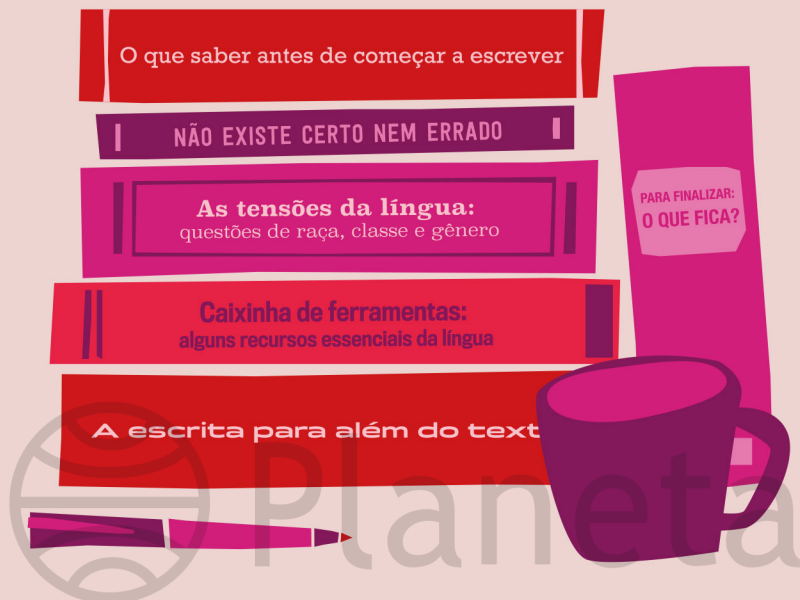


Jana Viscardi



ESCREVER SEM MEDO

um guia para
todo tipo de texto



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Jana Viscardi

ESCREVER SEM MEDO

um guia para
todo tipo de texto



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Jana Viscardi, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Cássia R. Oliveira
Revisão: Caroline Silva e Valquíria Matioli
Projeto gráfico: Anna Yue
Diagramação: Anna Yue e Francisco Lavorini
Capa: Fabio Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Viscardi, Jana
Escrever sem medo / Jana Viscardi. - São Paulo: Planeta do Brasil,
2024.
192 p.

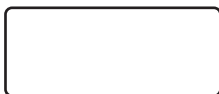
ISBN 978-85-422-2596-9

1. Escrita - Técnica 2. Escrita criativa 3. Criação (Literária, artística,
etc.) I. Título

24-0136

CDD 808.042

Índice para catálogo sistemático:
1. Escrita - Técnica



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar - Consolação
São Paulo - SP - CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

Introdução

O desafio de escrever.....	7
1. O que saber antes de começar a escrever	17
Saber parar.....	29
Escrever como sinônimo de ler e observar	33
2. Não existe certo nem errado.....	47
3. As tensões da língua: questões de raça, classe e gênero	70
A oralidade na escrita.....	85

O feminino genérico	91
A linguagem não binária	97
4. Caixinha de ferramentas: alguns recursos essenciais da língua	107
“Como é que chama o nome disso?”.....	111
“Foi morta”? o lugar da voz passiva nos textos	125
O sentido e a quebra de expectativa	133
Explicando demais? O caso dos advérbios.....	139
Frases longas, frases curtas	143
Ponto aqui, vírgula acolá	147
5. A escrita para além do texto	157
A escrita e o medo: estratégias?	164
6. Para finalizar: o que fica?	170

1.

O que saber antes de começar a escrever



Planeta

“o tempo não para
e, no entanto,
ele nunca envelhece”

- Força estranha, Caetano Veloso

Quando Gal Costa faleceu, em 2022, eu dediquei horas a ouvir suas canções. No mesmo dia eu daria início a mais uma turma do meu curso “Escrever sem medo”, que deu origem a este livro. Eu estava muito emocionada, mexida mesmo. Gal Costa é um acontecimento. E ao revisitar inúmeras de suas canções, me deparei com os versos, já

tão conhecidos, que abrem este capítulo. Foi com eles que decidi dar início à minha aula naquele dia porque essa relação entre o tempo e o envelhecer me pareceu tão conectada à questão da escrita.

Escrever é, entre outras coisas, deixar registrado no tempo aquilo que experimentamos num dado momento da nossa história (e da história em si), não importa se estamos falando de um texto acadêmico, ficcional ou (auto)biográfico. Toda escrita é, inevitavelmente, um registro de um dado momento, ainda que não atue como um espelho, como representante direta do mundo. E quando revisitamos algo que escrevemos, esse texto pode ganhar novas cores, uma nova leitura, e nunca será exatamente o mesmo que foi antes. Assim, um texto não para de ganhar novos significados e, talvez por isso, assim como o tempo, não envelhece.

Na perspectiva que busco trazer para você nestas páginas, a língua é, então, entendida a partir de sua dinamicidade, interatividade e heterogeneidade, o que tem implicações importantes para pensarmos o texto, entendido como um evento único, produzido a partir de uma dada situação

comunicativa, com um objetivo (ou vários) específico e destinado a uma audiência, demandando de nós o emprego de uma série de recursos linguísticos, selecionados a partir das características que queremos destacar.

Quando entendemos a língua como algo heterogêneo (porque tem diferentes formas e estruturas, que podem variar de acordo com questões geográficas, etárias, de identidade de gênero, entre outros fatores), interativo (porque se dá na interação entre sujeitos e textos) e dinâmico (porque muda ao longo do tempo), somos capazes de perceber de maneira mais abrangente e completa não apenas a língua, mas também a produção textual, que passa a ser reconhecida como um processo igualmente heterogêneo, interativo e dinâmico.

Assim, uma lista de compras terá características distintas daquelas de um diário, que terá características distintas das de um conto, que terá características distintas das de um artigo científico. Cada um desses textos poderá também compartilhar semelhanças, mas é provável que você faça escolhas bastante diferentes ao escrever

um artigo científico ou criar uma lista de compras. Os recursos linguísticos que emprega (conectivos variados, vocabulário, usos mais e menos formais da língua, entre outros elementos) para atender às demandas do formato serão diferentes. É o que se convencionou chamar de “gêneros textuais”, formatos com uma certa estabilidade usados quando produzimos um texto e que nos ajudam a delimitar as demandas dessa escrita. Pense, por exemplo, em uma redação para o vestibular: o texto argumentativo ali requerido tem uma série de características específicas que precisam ser atendidas. Assim, quem escreve tem a chance de receber uma boa nota – eis o objetivo desse gênero textual: demonstrar que se sabe fazer uso de diferentes recursos, transformados em critérios de correção.

É possível que os critérios para a escrita de um dado gênero textual estejam explicitados em manuais, como no caso de textos literários submetidos a um concurso, textos acadêmicos submetidos à avaliação e posterior publicação em uma revista ou textos enviados para publicação em diferentes plataformas de redes sociais. Esses

critérios se tornam norteadores da escrita e são reconhecidos a partir do estudo e também da observação do cotidiano.

Assim, produzir um texto é pensar também as diferentes etapas que compõem o processo de produção textual. Ainda que essas etapas não sejam fixas ou estejam presentes em todos os textos que se produz no cotidiano, e muitas vezes se sobrepõem no processo de escrita, é interessante mencioná-las. Em inúmeras ocasiões é importante primeiro planejar o que se pretende dizer – e como –, para então produzir, e depois, por fim, revisar um texto.

A etapa de planejamento inclui definir as leituras que serão feitas como parte do estudo do seu projeto de escrita; quem é a audiência para a qual seu texto se direciona; quais os argumentos que você pretende trazer; quais os recursos linguísticos que você pretende empregar na construção dos seus argumentos; a partir de qual gênero textual seu projeto será desenvolvido. Certamente fará parte do planejamento do seu projeto de escrita pensar também a plataforma de publicação do seu texto: ele será publicado em um blog? Em uma rede social?

Como parte de um compilado de textos em uma publicação coletiva em formato de livro? Em uma revista científica? Em um jornal? Todos esses questionamentos (e talvez outros que venham à sua mente aí do outro lado) são importantes porque contribuirão para que você entenda o formato do texto e já possa, assim, produzi-lo considerando essas características.

Um exemplo simples: quem decide escrever um texto em uma rede social como o Instagram precisa ter em vista que os textos ali publicados têm apenas 2.200 caracteres,¹ nenhum caractere a mais. Se seu texto ultrapassa esse limite, será preciso publicar o material “excedente” nos comentários, e não no corpo do texto principal. Além disso, para publicar um texto no Instagram, é preciso, necessariamente, publicar também uma imagem que o acompanha (e antes disso tudo, claro, é preciso ter uma conta na rede social). Ou seja, o conhecimento

¹ Este livro foi escrito em 2023, num momento em que esse era o limite de caracteres para as legendas do Instagram. Essas características, claro, podem mudar com o tempo.

da plataforma de publicação e suas regras é parte significativa do planejamento do texto para que você se prepare para as circunstâncias específicas de publicação. Mais um exemplo: se você está escrevendo uma dissertação, é possível que tenha que atender a uma série de normas definidas pelo departamento e universidade em que se realizou a pesquisa. É fundamental conhecer tais normas e formatos para estruturar as ideias que você pretende elaborar na dissertação. Essas normas podem incluir o atendimento tanto à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) quanto a características determinadas pelo departamento específico, em função das características dos trabalhos produzidos ali.

É dessa maneira que podemos entender a escrita como uma atividade estratégica nos diferentes contextos em que é produzida: em uma newsletter, em um texto para rede social, em um conto para um compilado ou em uma coluna para um jornal. Cada um desses formatos demandará reflexões e estratégias distintas. Vamos a mais um exemplo: na era da “economia da atenção”, as colunas de jornal vêm sendo

divulgadas com títulos/manchetes inúmeras vezes sensacionalistas, que causam fúria e, não raro, amplo compartilhamento. Aqui, cabe uma discussão importante sobre a ética do jornalismo em tempos de mídias sociais e disputa de atenção, que atravessa a produção textual e a estratégia de escolha de estruturas que despertem a atenção do possível leitor. Mas, sem dúvida, tem-se aí, desde sempre, o planejamento das escolhas dos títulos para que atinjam mais pessoas. É com base nesse entendimento das condições de produção ou de publicação que se vai planejar um texto, com foco em sua presença nos diferentes contextos.

A partir do momento em que, idealmente, o seu texto foi planejado e os estudos que são parte da escrita foram feitos, chegamos à segunda etapa: é hora de escrever. É possível que você já tenha feito anotações, escrito o rascunho de ideias ou o resumo de um conjunto de leituras. Ou seja, as etapas não são necessariamente lineares. É possível que você volte a estudar ao longo do caminho da escrita, por exemplo, assim como é possível que você já revise trechos do seu texto enquanto ainda o escreve. A escrita se

dá por caminhos tortuosos: há dias em que o texto flui, as ideias se organizam, você escreve. Mas há dias em que você está diante da folha de papel ou da tela do computador e nada parece fazer sentido. O texto parece desarranjado; as ideias, mal estruturadas. No entanto, é importante entender a escrita como rotina: ela deve estar sempre lá, mesmo que não flua como o desejado.

Com a conclusão da escrita – ou daquilo que você entende como parte central do projeto –, chegamos à terceira etapa: seu texto possivelmente passará por uma revisão – sua ou profissional, a depender dos recursos (de tempo e financeiros) que lhe estão disponíveis e também da plataforma de publicação. Caso se trate de uma postagem para o seu blog, é possível que você mesma faça a revisão e publique o texto. Mas se já há uma estrutura de trabalho coletiva, é possível que parte dessa equipe seja composta por editoras e revisoras, que leem seu texto criticamente para identificar possibilidades de melhoria e trechos que não fazem sentido. Caso se trate, por exemplo, de um artigo acadêmico, será preciso ainda enviar o texto para a revista escolhida,

e ele será avaliado por pares, pesquisadores da área com competência para analisar seu trabalho por sua escrita, pelo tema e articulação teórica escolhidos antes da publicação. Sugestões de revisão do texto, dos argumentos ou da bibliografia (que poderão levar você a novos estudos pontuais) poderão ser feitas. Só depois dessa etapa seu texto é publicado (ou rejeitado, como é possível acontecer nesse formato).

Observe que interessante: para falar sobre as etapas de elaboração de um texto, nossa conversa foi além de apresentar apenas tecnicidades do como escrever. É sempre importante lembrar que escrever um texto depende de uma série de fatores, que incluem, também, a questão financeira e de disponibilidade de tempo. E também, claro, a participação de diferentes profissionais das Letras. Falaremos mais sobre isso adiante. Para mim, neste ponto do livro, importa deixar claro que o texto é um evento comunicativo de caráter dinâmico. Mesmo quando concluído, ele pode ser revisitado.

Veja, por exemplo, o caso da escritora Lygia Fagundes Telles. Em entrevista

de 2009² sobre a nova edição do seu livro *As meninas*, ela afirma que acrescentou ao texto originalmente publicado em 1973 “três ou quatro linhas”, porque sentiu que precisava trazê-las, ainda que anos depois de sua primeira publicação. Estamos falando de uma escritora renomada, com extensa obra literária, que decide acrescentar ao texto também renomado algumas tantas linhas, o que nos faz pensar que um novo olhar sobre o texto pode acontecer a qualquer tempo. No paralelo com os versos cantados por Gal Costa, o texto também não envelhece: pode ser relido e reeditado, mesmo tantos anos depois. Isso não significa que envelhecer seja ruim, é claro. Faz parte da vida e dos textos. Mas que, antes, a passagem do tempo não o mata; envelhecer é viver, o que significa também sempre ter espaço para o novo.

Isso não significa que aquilo que deixou de entrar no texto não “atormente” quem

² LYGIA Fagundes Telles. Vídeo (5 min). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZcS6KpsWc8>. Acesso em: 20 nov. 2023.

escreve: em texto³ sobre o escritor Fred Moten, Stephanie Borges, escritora e tradutora, pontua o sofrimento de Moten diante daquilo que ele entendia faltar em seu livro de ensaios *Na quebra: A estética da tradição radical preta* (2023). A falta sentida pelo autor é publicizada catorze anos depois da publicação da primeira edição da obra, em 2003.

Os exemplos de Lygia Fagundes Telles e Fred Moten nos lembram de que um texto passa por várias leituras e ponderações (mesmo depois de publicado) de quem o escreveu, de quem contribuirá para que seja publicado e, claro, da audiência que terá acesso a ele a partir da publicação. Não há quem publique um texto sem que ele passe por várias mãos. Não há. E, tantas vezes, no meio do caminho, a releitura leva a reflexões e frustrações e, em alguns casos, a reescritas, ainda que “pequenas”, como no

³ BORGES, Stephanie. Fred Moten e Stephanie Borges: dois poetas conversam no escuro. *Suplemento Pernambuco*, [s.d.]. Disponível em: <http://www.suplementope.com.br/ensaio/3082-dois-poetas-conversam-no-escuro.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

exemplo de Lygia Fagundes Telles. A linearidade não é uma característica intrínseca à escrita. Em contrapartida, como vimos, a hesitação é.

Saber parar

Que fique claro, porém: a revisita inevitavelmente precisa ter um fim, ao menos num dado ponto da escrita. As reflexões sobre o que faltou ou sobrou podem seguir, mas é bastante provável que você precise parar de intervir no texto. Isabel Allende, em relato sobre seu processo de escrita no livro *Why We Write* [Por que escrevemos, em tradução livre], de Meredith Maran,⁴ observa que passou a ser mais rigorosa quando começou a escrever usando o computador. Ao perceber que poderia revisar seus textos enquanto os escrevia, se deu conta de que seu estilo se tornou muito “duro”. Aprendeu, assim, a evitar o excesso de correções.

⁴ MARAN, Meredith. *Why We Write*. Nova York: Plume, 2013.